



Suicídio por causas não declaradas, abordando cartas e bilhetes suicidas por uma leitura textual/discursiva e retórica

Evandro de Melo Catelão

Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Av. dos Pioneiros, 3131, 86036-370, Londrina, Paraná, Brasil. E-mail: evandrocatelao@gmail.com

RESUMO. Este artigo trata das formas e dos processos argumentativos presentes em textos produzidos por suicidas. O *corpus* foi coletado, em sua maioria, em inquéritos policiais arquivados no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro (processos de 1890 a 1940). Criou-se um modelo de análise inspirado em análises textuais/discursivas, alterando-se alguns pontos e, em complementaridade, aspectos retóricos. Como objetivo principal, pretendeu-se demonstrar que a enunciação do suicida era ancorada em encadeamentos argumentativos mais ou menos estáveis, com o objetivo de construir uma realidade com vistas a justificar o ato. Como pontos principais verificados, as análises permitiram, primeiramente, demonstrar que os documentos coletados se enquadravam em um plano de representações construídas sobre ações em dois movimentos: a escolha pela morte voluntária e a elaboração de uma mensagem escrita, nem sempre centrada na apresentação de justificativas para o ato suicida, como nos casos escolhidos para fazer parte deste artigo, cartas e bilhetes com causas não declaradas para o suicídio.

Palavras-chave: argumentação, produções de suicidas, linguística textual, retórica.

Suicide for reasons unstated, covering letters and suicide notes for textual/discursive and rhetorical reading

ABSTRACT. Current research is a study on linguistic forms and argumentative processes in texts written by suicidal people. The corpus was collected from police investigation files in the Brazilian National Archives in Rio de Janeiro (cases between 1890 and 1940). An analytical model was developed by textual and discursive analyses, alternated and complemented by rhetorical aspects. The main aim was to demonstrate that the suicide's enunciation was foregrounded on more or less stable argumentative trends and aimed at the construction of conditions to justify the act. Analysis showed that the harvested documents fitted in a plan of representations constructed on actions, in two stages, or rather, the choice of voluntary death and the preparation of the message. The latter was not always focused on presenting justifications for the suicidal act. It is the case of the documents listed in current paper, or rather, notes and messages with unstated causes of suicide.

Keywords: argumentation, suicide's written productions, textual linguistics, rhetoric.

Introdução

O interesse pelo estudo de textos produzidos por suicidas motivou a realização de uma pesquisa com a preocupação e o objetivo de examinar a argumentação de suicidas por aspectos composicionais e estratégias retóricas. Na pesquisa, verificou-se que, apesar de serem recorrentes, as produções suicidas eram documentos pouco estudados, provavelmente em decorrência do tipo de situação sociocultural e discursiva em que são produzidos. Percebeu-se, de antemão, certa resistência, pré-julgamentos, delimitações éticas, limitações sociais e jurídicas, tornando as produções um *corpus* particular e extremamente rico. As composições suicidas são textos/discursos particulares que impõem empiricamente uma

aparente impossibilidade de contrarresposta direta por parte do coenunciador. Além disso, com a pesquisa, verificou-se que eram textos produzidos nas mais diferentes culturas e com as mais diferentes crenças expressas em proposições que explicitam, a princípio, os motivos e/ou as intenções da escolha pela morte autoinfligida.

O *corpus*, em sua maioria, foi coletado em inquéritos policiais arquivados no Arquivo Nacional da cidade do Rio de Janeiro (ANRJ) e uma ocorrência no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (ocorrido no ano de 1954). Dentre os inquéritos do ANRJ, apenas foram encontrados disponíveis para consulta e divulgação processos abertos entre os anos de 1890 e 1940. Segundo algumas das fontes pesquisadas, inquéritos mais

recentes não estão disponíveis ou correm em segredo de justiça, demandando autorização judicial ou familiar, além de cortes e tarjas para preservação de privacidade.

Neste artigo, traz-se parte dessa pesquisa, na qual são descritas composições com causas não declaradas para o suicídio, algo não esperado, na medida em que a hipótese principal do estudo era a de que o suicida manifestaria em suas produções as causas e/ou motivos para o suicídio, como, de fato, foi observado na maioria das composições. Nas análises, destaca-se a utilização de conceitos provenientes de pontos da Linguística Textual (análise textual/discursiva baseada em Adam, 2008), delineados em complementaridade com tópicos da Retórica/Nova Retórica (acordos, técnicas argumentativas e conceito de *ethos*).

No recorte aqui apresentado, os objetivos foram delimitados com base na identificação, caracterização e análise de documentos produzidos por suicidas. Pretendeu-se demonstrar, primeiramente, com base nos pressupostos a respeito dos gêneros e das instituições do texto, que a enunciação do suicida estava ancorada em encadeamentos argumentativos mais ou menos estáveis, construindo uma realidade com vistas a justificar o ato. As análises preliminares demonstraram que os conceitos selecionados da retórica propiciaram uma descrição discursiva bem mais evidente do que se fosse feita a opção apenas pelos aspectos textuais que primeiramente teriam sido alvo único da pesquisa. Verificou-se, também, que o estudo dos aspectos composicionais propiciou a visualização e elaboração de um quadro segundo o motivo para o suicídio, ou para a escritura dos documentos, mais particularmente nas composições delineadas como de causas não declaradas.

Uma análise textual/discursiva e retórica

As premissas identificadas nas primeiras observações do *corpus* e ampliadas, segundo os dados das crenças fundadas e infundadas de Agrest (2010), permitiram escolher e delimitar limites em que se acreditou ser representativa uma análise textual/discursiva e retórica. Criou-se, com base nessas observações, um modelo de análise inspirado em análises realizadas por Jean-Michel Adam (ADAM, 2008, 1997; ADAM; BONHOMME, 2010; ADAM et. al., 2010), alterando-se alguns pontos. Dividiram-se, por exemplo, os limites da análise em dois planos, textual/discursivo e retórico. No textual/discursivo, direcionou-se à descrição de aspectos composicionais e provenientes das atividades sociodiscursivas da linguagem. No retórico, inseriram-se conceitos provenientes da

Retórica e da Nova Retórica com vistas às escolhas dos argumentos e às projeções *ethos*, *pathos* e *logos*. Conforme a seleção do quadro teórico, criou-se um esquema de análise (Figura 1), sob duas projeções complementares: a textual/discursiva e a retórica, retomadas e articuladas em uma tentativa de estabelecer um quadro de reflexão sobre o *corpus* coletado.

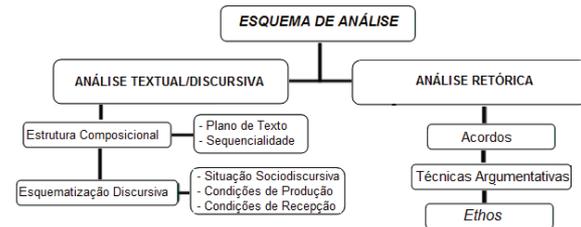


Figura 1. Esquema de análise.

No esquema, desenvolveu-se uma união de campos de análise complementares: um textual/discursivo (ADAM 2008; ADAM et al., 2010) e outro de análise retórica, com incorporação do conceito de acordo da Nova Retórica e de *ethos* para a Retórica Clássica, aproximando esse conceito ao de *ethos* discursivo de Maingueneau (2008, 2005) (sem adentrar na AD). Utilizou-se o modelo de Adam (2008), adotando-se uma organização da análise que torna o campo discursivo e o textual complementares. Na análise textual, descreveram-se aspectos da estrutura composicional das cartas com base na sequencialidade dominante e sua combinação em planos de texto e, por fim, a explicitação do processo de esquematização discursiva. Noções da Retórica e Nova Retórica como de acordo e das técnicas argumentativas foram adicionadas às análises.

Pelo Modelo de Adam (2008) no que se refere à estrutura composicional, optou-se, na análise, pela adoção da estrutura composicional dos documentos primeiramente ordenada pela generalização entre planos de texto convencionais (prescritivo de um gênero) e ocasionais, em seguida caracterizada pelos critérios de dominância textual (matriz, maior número de sequências ou pela qual o texto pode ser resumido). Este aspecto será um facilitador e delimitador da análise e caracterização dos documentos (Figura 2):

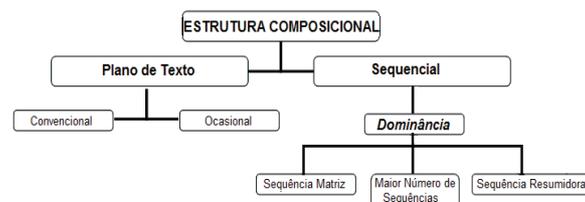


Figura 2. Plano da estrutura composicional.

Na pesquisa, segundo a Figura 2, a atenção foi voltada primeiramente ao plano de texto, que foi descrito como convencional ou ocasional. Pelos aspectos direcionados à estruturação sequencial, identificou-se qual é a dominância (entendida sobre os critérios de matriz, maior número ou resumidora), seguida da realização da projeção e explicitação dos dados presentes no texto, junto ao protótipo da sequência dominante, tendo em vista os limites apontados nas análises de Adam (2008) expressos anteriormente.

O processo de esquematização discursiva, em outro nível, permitiu aliar dados do ponto de vista, da representação discursiva e do valor ilocucionário por meio da caracterização da situação sociodiscursiva, da condição de produção e da condição de recepção do discurso. Adam (2005) utiliza-se do conceito de esquematização discursiva como articulador de campos, como o linguístico da Análise do Discurso, ao da retórica e ao da teoria da argumentação. Utiliza-se desse conceito em razão das particularidades discursivas dos textos e de sua própria materialidade, juntamente pelo fato de sua articulação permitir estabelecer um elo com outros tópicos da pesquisa original referente à análise retórica que se pretende realizar e o próprio contexto de produção e composição do discurso. Proveniente de Jean-Blaise Grize (citado pelo autor), esse conceito tem como ponto de partida o princípio de que qualquer atividade discursiva é originária de uma esquematização, a qual tem por propriedade aliar, em um mesmo plano, o enunciado como processo e como resultado, ou seja, o enunciado como fruto da escolha do enunciador para atender a determinado sentido e como resultado do sentido atribuído pelo coenunciador no momento de recepção do discurso. Conforme observação do autor, há uma substantivação do verbo esquematizar, em que

[...] se enfatiza o duplo sentido de um objeto que os termos enunciado e enunciação separam, e que os conceitos de texto e de discurso não comportam absolutamente (ADAM, 2005, p. 96).

Em outras palavras, o termo esquematização abrange duas ações: uma envolvendo o processo (ação desempenhada pelo autor, sujeito no mundo, de construção de uma esquematização e de uma imagem de *ethos* nessa esquematização) e outra, o resultado (um discurso que propicia por parte do coenunciador uma interpretação, reesquematização e visualização do *ethos*) de um discurso, inseparável de uma memória intertextual/interdiscursiva que compreende a consideração não só do enunciado em si, como de toda expressão dialógica que ele comporta.

No estudo, delimitou-se a descrição do processo de esquematização discursiva, obedecendo a três aspectos, suficientes para a análise pretendida, por comportarem uma passagem entre o que é composicional e o que é discursivo: os parâmetros da 'situação sociodiscursiva' em questão; os parâmetros das 'condições de produção' (necessidades para a ocorrência do discurso, imagem de lugar e de tempo); e as condições de 'recepção do discurso' (projeção da imagem do auditório - *pathos*). Esses três elementos são também participantes do que se expressa na Figura 1, trazendo aspectos do contexto de produção e recepção do discurso. Trata-se da fronteira entre o que é textual e o que é discursivo, um limite mais ou menos delimitado e que apresenta uma ligação com os fundamentos retóricos.

Quanto à análise retórica, voltou-se aos participantes do discurso e a outros elementos (técnicas) do contexto de produção, assim como desenvolvem Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996). Adaptou-se o esquema de Breton (2003), relacionando os conceitos apresentados pelo autor com a categoria de acordo e técnicas de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), como exposto abaixo (Figura 3). Nesse esquema, sistematiza-se uma situação argumentativa de produção, relacionando os elementos retóricos/discursivos a serem utilizados nas análises. Trata-se de uma maneira de visualização dos polos acionados no momento do estabelecimento do discurso e que, em linhas gerais, situa os objetos em discussão e auxilia na própria elaboração de um quadro argumentativo retórico das produções de suicidas (acordos, argumentos, *ethos*, *pathos*, ponto de vista, entre outros). No esquema, as atividades se concentram em torno do orador, seu auditório e os argumentos que direcionarão a tese principal (parte central do triângulo). O orador constrói uma imagem de si (*ethos*) e uma imagem do auditório (*pathos*), as quais propiciarão maior chance de adesão a sua opinião, transmitida a fim de 'mobilizar as paixões' do auditório, seduzi-lo (realização do acordo), de forma que compartilhe da tese, por uma escolha sistematizada de argumentos (dados e proposições), com o objetivo de atender às intenções da produção do discurso, ou objetivo discursivo visado. No contexto de recepção criado, tem-se o modo de aprisionamento¹ do auditório à tese, marcado pelos argumentos em função de um discurso objetivo, e/ou baseado na desinformação e/ou esteticismo.

¹ Termo utilizado por Breton (2003) e Perelman and Tyteca (1996) referente à adesão.

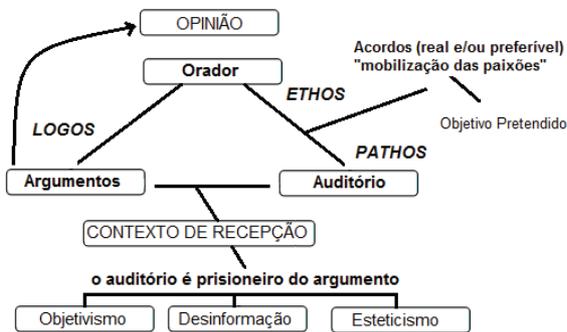


Figura 3. Limites da argumentação. Esquema adaptado de Breton (2003, p. 53).

O esquema acima, adaptado do esquema de Breton (2003, p. 53), apresenta a argumentação como uma atividade humana estritamente relacionada à ação de convencer ou compartilhar uma ideia, levando outrem à adoção da opinião, pela escolha dos argumentos, pelo estabelecimento de um acordo e das figuras de *ethos* e *pathos* criadas. Aponta para a possibilidade de aprisionamento pelo discurso, em que convencer pode também assumir uma perspectiva alternativa ao uso da força física como forma de adesão e sedução, por motivação implícita, sem que o coenunciador se dê conta, ou seja, por manipulação. A opinião, para Breton (2003), apresenta um sentido forte, pois seria representada por crenças que guiam as ações dos sujeitos, fazendo com que assumam determinadas condutas e organizem-se em grupos que compartilhem de uma mesma opinião. Em um paralelo com o que foi discutido na tese, a opinião equivale ao ponto de vista (PdV) dos sujeitos, ou responsabilidade enunciativa pelo enunciado. Na maioria das situações de produção, a adesão do auditório ao PdV do orador é o objetivo do discurso.

Os tipos de argumentos como mecanismos da argumentação

Na argumentação, cada escolha realizada em detrimento de outras na seleção e apresentação dos dados ou premissas que servirão à tese pode direcionar mais ou menos o auditório. Para a pesquisa realizada, essas escolhas representaram uma forma de exibição de particularidades dos documentos produzidos por suicidas, uma espécie de caracterização que só poderia ser visualizada com base no exame de uma espécie de teia argumentativa composta pelos tipos de argumentos eleitos para fazer parte do discurso. Uma distinção dos tipos de argumentos foi realizada por Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996) com a denominação de técnicas argumentativas. Trata-se, como afirmam os próprios autores, da análise da estrutura de elementos que compõem a argumentação isoladamente, mesmo que

se reconheça que sua significação só se constrói quando em relação ao seu todo. Em outras palavras, é preciso considerar, em qualquer análise, que todo discurso é determinado por sua situação de produção; sendo assim, sua significação/resultado final não pode ser medido senão em uma articulação entre todas as partes que o compõem, com o objetivo de não perder elementos de ligação e que podem permear um tipo de argumento selecionado e outro.

Os modelos de argumentos observados pelos autores inserem-se em dois grandes eixos esquemáticos argumentativos, que são, em sua essência, complementares e operantes em conjunto. Desse modo, um funciona conforme processos de ligação (aproximação de argumentos com o objetivo de estruturá-los e impor valor positivo ou negativo) e outro segundo processos de dissociação e ruptura (reparação de argumentos considerados solitários, modificando sistemas de noção). As técnicas de ligação são organizadas em: i) argumentos quase lógicos; ii) argumentos baseados na estrutura do real; iii) argumentos que visam fundamentar a estrutura do real. O último grupo, relativo à dissociação das noções, apresenta as técnicas de ruptura de ligação e dissociação caracterizadas todas em um único subeixo esquemático pelos autores. Cada subcategoria de técnicas apresenta uma série de sub-ramificações internas e traços argumentativos intermediários entre uma classe de argumentos e outra. Um conjunto simplificado e geral das técnicas pode ser visualizado abaixo (Figura 4). Ao se elaborar o esquema, não se pretendia ser exaustivo na demonstração de todos os tipos de argumentos apresentados pelos autores, sendo apenas uma forma de visualização geral das técnicas.

O esquema possibilita uma observação globalizada das principais técnicas e dos limites e sub-relações entre si, atendo-se ao fato de que, segundo os próprios autores, e, como já se destacou anteriormente, o esquema de técnicas é proveniente da interpretação e divisão em classes das palavras do orador, podendo, nesse caso, apresentar falhas, ou não ser de todo claro. Trata-se de quatro formas ou esquemas argumentativos sob os quais se reduzem os objetos de acordo nos discursos, um referencial que, apesar de não ter sido elaborado em atenção ao tipo de discurso em foco, permite sua descrição, bem como identificação de elementos cocorrentes entre os documentos. As relações expressas na Figura 4 possibilitam a descrição dos movimentos argumentativos no que seria um quadro de representações possíveis entre o orador e o auditório, nas palavras de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1996), dados da argumentação entre o orador e o auditório que permitem modificar um estado de coisas preexistente, reforçar valores, entre outras ações.

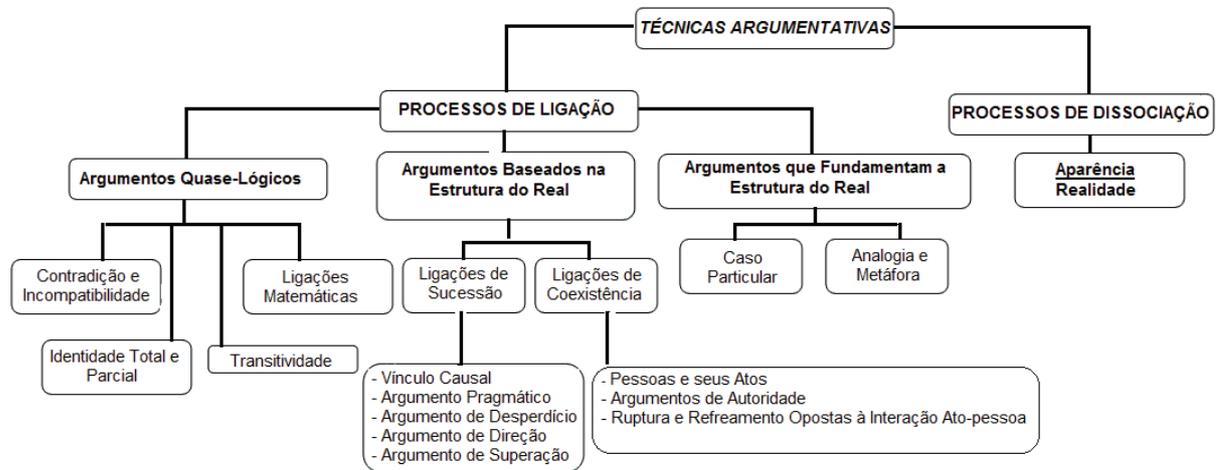


Figura 4. Técnicas argumentativas.

Em atenção ao *corpus* escolhido, destacou-se, para explicitação e utilização no estudo, apenas parte das técnicas citadas na Figura 4, escolhida entre as que se acreditou corroborarem as características principais dos documentos produzidos por suicidas. Nesse sentido, faz-se a descrição de uma parcela das técnicas relativas aos processos de ligação, a classe de argumentos baseados na estrutura do real e os argumentos que fundamentam a estrutura do real, principalmente porque a estrutura argumentativa dos documentos é marcada por proposições factuais. Entre os argumentos quase lógicos, uma última observação em relação às técnicas ficou por conta dos princípios de contradição e incompatibilidade.

Análise de produções suicidas com causas não declaradas

A singularidade foi um aspecto recorrente desde o início dos trabalhos de caracterização dos textos produzidos por suicidas na tese, incluindo os casos encontrados classificados como causas não declaradas para o suicídio, isto é, textos nos quais não haveria uma apresentação do motivo para o suicídio, mas, sim, uma revelação do motivo para escritura da carta ou do bilhete ou, até mesmo, nem a apresentação dessa motivação. Esse dado foi importante, pois não confirmou parte de uma das hipóteses iniciais de que a produção textual do suicida estaria atrelada ao esclarecimento das motivações e às despedidas, como também a uma sequência predominantemente argumentativa. Observou-se que esse fato decorre, principalmente, de os gêneros carta e bilhete permitirem uma heterogeneidade sequencial.

Essa singularidade fica expressa tanto no tipo de argumentação quanto no próprio campo composicional, e os documentos coletados ora aproximaram-se da carta, ora do bilhete, ou trouxeram apenas uma única proposição, sem

marcas de abertura ou fechamento. Caracterizam-se como microunidades de sentido ou proposições curtas, objetivas, que trazem, ou não, o vocativo, o corpo da argumentação e o fechamento, com data, assinatura, ou outro tipo de marca particular ou sinal de identificação. Nos documentos menos marcados dentro do gênero carta ou bilhete, ou seja, os formados por uma única proposição-enunciado, sem vocativo ou seção de despedida, a análise da argumentação voltou-se mais (no sentido de um encaixamento da sequência argumentativa) para questões pragmáticas e configuracionais da produção desses textos.

Em se tratando da argumentação do suicida, um questionamento possível seria se essa objetividade não poderia ser considerada uma característica a ser realçada, sobretudo em relação à imagem de si do autor discursivo. A expressão das intenções de forma direta seria parte do comportamento verbal escrito de alguns sujeitos. Em outras palavras, assim como há suicidas que preferem guiar seus discursos pelo detalhamento de ações e os que optam por não escrever, há um grupo particular que segue pela apresentação de uma única proposição sem definição da motivação para a ação suicida ou para a escritura do documento.

Como particularidade para essas produções, os próprios inquiridos são reticentes em qualquer afirmação a respeito dos suicídios, uma vez que poucas são as evidências que poderiam contribuir para esse esclarecimento. Permanecer incógnito e não declarar motivos para o suicídio (o que no início do estudo se acreditava ser um dos objetivos para a escrita dos documentos) talvez seja a marca mais evidente nesses textos. Trata-se de algo que difere muito das outras produções já analisadas em que, na maioria dos casos, o motivo ou a justificativa para o suicídio mostrou ser o eixo da argumentação.

Apresentação de agradecimento: a microunidade de sentido

T1 3ª pretoria 6Z 25 – 1912 – Suicídio – No inquérito em que T1 foi encontrado, tem-se a indicação de que o documento foi escrito pelo Capitão da Guarda Nacional Mario Cruz da Fonseca Galvão. Segundo os dados do inquérito, o capitão cometeu suicídio ingerindo uma grande dose de Morfina. As conclusões do juiz responsável do inquérito revelaram motivo impreciso para o suicídio (folha 15). Segundo o inquérito, Theresa, citada no bilhete, seria uma amiga que o capitão havia conhecido há 10 dias e a quem pedira ajuda para intervir em sua relação com uma terceira pessoa, Darita Flor. Theresa declarou nos autos que Darita havia afirmado na época que “[...] não poderia aceitar a amizade em virtude de já ter uma pessoa a quem detinha inteira amizade” (folha 6v). O termo amizade parece indicar relacionamento amoroso. (Os textos na pesquisa foram marcados pela expressão T seguido do número de transcrição. Apresentou-se sobre cada transcrição uma contextualização do documento segundo dados referidos no inquérito).

Transcrição do original

[1] Minha Santa e Bella Theresa

[2] Há favôres n'este mundo que quando são feitos não há nada nem com a própria vida meios para provar.

O termo coenunciador remeteu, em todos os momentos do estudo, às figuras de interlocução ou a quem o texto do suicida se destinava. Esse interlocutor, ou figura de interlocução, apareceu particularizado por um vocativo ou ainda tendo como foco certa universalidade não marcada, mas subentendida pelo contexto proveniente da leitura de cada um dos documentos (como na análise da motivação política, em que o interlocutor evidenciado no discurso seria toda a nação). Nesses limites, T1 apresenta uma situação de produção recorrente entre as análises já realizadas. Expresso em duas proposições, uma de vocativo e outra que desempenha o corpo da argumentação, o enunciador conduz o discurso pela caracterização do interlocutor, seguida de uma proposição-enunciado assertiva/constativa que, pelo contexto de produção, teria por intenção principal mostrar agradecimento.

Adam (2008) sintetiza a apresentação de alguns enunciados como microunidades de sentido, ou seja, tipos de proposições que, apesar de curtas, trazem ligações possíveis com um co(n)texto, algumas vezes padrão, no momento de sua esquematização como resultado. Nesses limites, T1 apresenta-se disposto

em duas proposições-enunciados em que, pelo seu plano de texto, é possível entender como um vocativo e um corpo argumentativo.

O documento é marcadamente uma microunidade de sentido desenvolvida em duas microunidades sintáticas (enunciado nominal e enunciado verbal). A orientação argumentativa dos enunciados permite a identificação de ligações com outros enunciados passíveis de resposta e que orientam o leitor na focalização do coenunciador ou lugar do destinatário, como íntimo, santo e belo (Minha Santa e Bella Theresa). Esse interlocutor seria quem teria realizado o ‘favor’, prova de algo, ou mais especificamente, uma prova de amizade. Esse favor seria possivelmente por Theresa ter feito o contato entre o enunciador e a amiga Darita (“Há favôres n'este mundo que quando são feitos não há nada nem com a própria vida meios para provar”).

A reconstrução do contexto de produção sugere essa leitura, uma vez que, no inquérito, há essa informação. Segundo o inquérito,

[...] Galvão pedira a declarante [Darita] para viver inteiramente para ele, ao que a declarante respondeu-se ser isto impossível, em virtude de viver amasiada com outra pessoa (folha 7).

Em [2], pode ser entendido um valor ilocucionário assertivo/constativo de um estado ou ser, afirmação/declaração do favor realizado por Theresa. A responsabilidade argumentativa dá conta dessa leitura que circunscreve a proposição-enunciado ao ponto de vista (PdV) de geração de sentimento de favor (a proposição-enunciado pode, além de unidades sintagmáticas verbal e nominal, de um ponto de vista semântico, dar conta de unidades menores, como um nome ou adjetivo).

Um esquema retórico para esse PdV poderia ser traçado sob as seguintes projeções, tendo em vista a imagem da amiga Theresa (Figura 5):

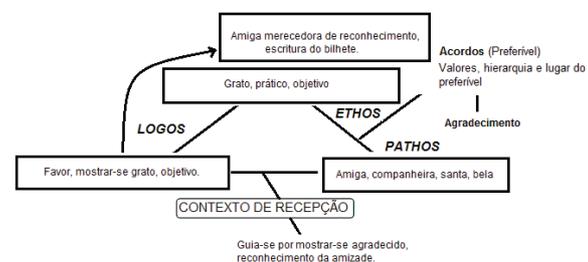


Figura 5. Esquema retórico T1.

Pelo esquema, tem-se um orador que se posiciona com uma imagem de *ethos* ligada à praticidade, uma espécie de sabedoria (*phronesis*), objetividade e, ao mesmo tempo, apresenta-se grato à amiga, em um discurso marcado por poucos

detalhes. A imagem de *pathos* aparece como soberanamente perfeita (santa e bela). A santidade estaria ligada a uma espécie de perfeição de condutas, à pureza, à bondade e à beleza e também poderia ser tanto física quanto espiritual. Essas marcas fariam parte do acordo realizado com o preferível, ou seja, uma ligação com valores que, no contexto de recepção, tem por objetivo desencadear o sentimento de gratidão, apesar da intenção pela morte autoinfligida. Note-se um *logos* poetizado, com uma mensagem que traça um lugar comum, ou ponto comum na argumentação (*topos*), lugar do preferível (“[2] Há favôres n’este mundo que quando são feitos não há nada nem com a própria vida meios para provar [...]”), o favor ao próximo como uma espécie de dádiva ministrada, prova de algo.

Junto à imagem de si no discurso, a brevidade e a objetividade traçariam um tipo de *ethos* prático. Ao mesmo tempo, o discurso define o orador como uma pessoa grata, reconhecadora dos favores a ele atribuídos, a ponto de reportar-se uma última vez à amiga. Verifica-se, pois, uma coparticipação de duas imagens de autor discursivo: uma ligada e construída no *logos* (*phronesis*), prudente, ponderado, e outra imagem construída junto ao *pathos* (*eunoia*) com a principal função de mostrar-se solidário com o coenunciador.

Evitando suspeitas

T2 1909 8ª Pretoria T8 3264 – Suicídio. Carta encontrada no bolso de José de Almeida Barros dirigida ao delegado da polícia. O documento destaca-se pelas características do papel que foi escrito. Um tipo de papel carta, com dados pré-impressos como ‘Illm. Snr.’, cidade e timbre da empresa, riscado pelo autor, ‘J. Almeida & Cia Av. Rangel Pestana, 140’.

Transcrição

[1]Rio 17 de Janeiro de 1909

[2]Illm. Snr. Delegado de Polícia

[3]Para evitar não só maximos trabalhos para si, como também que recaham suspeitas em quem quer que seja, declaro-lhe que sou eu o único responsável por tal acontecimento.

[4]Não procure saber o motivo.

[5]Só peço comunicação este facto ao meu irmão Juvenal de Almeida, em São Paulo, Rua das Palmeiras nº. 6.

[6]Grato por este obséquio, subscrevo-me

[7]José de Almeida Barros

Trazendo o plano de texto prototípico da carta pessoal (sequência base argumentativa) e com direcionamento particularizado de interlocutores, T2 apresenta claramente as motivações para a

escrita do documento, mas não apresenta a motivação para o suicídio. Tem-se a base em um ato ilocucionário assertivo/constativo, a busca intencional de se autodeclarar suicida, tentando minimizar o que seria visto como ‘máximos trabalhos ao delegado’, ou suspeitas de homicídio, em função da investigação das causas da morte e/ou mesmo de buscar esclarecer os motivos para o suicídio, como aparece em “[4] Não procure saber o motivo”.

Essa preocupação é mais uma evidência de um tipo de *ethos* que recai sobre a praticidade e a objetividade, busca ser claro e ciente de seu ato e escolha pela morte voluntária, algo que foi recorrente em praticamente todos os documentos analisados no estudo, à medida que uma tese contrária de nova correspondência amorosa seria uma possível forma de desistência do suicídio, segundo as argumentações (princípio de restrição) como um indicativo de dúvida.

Reforçando os dados trazidos por Agrest (2010), esta seria mais uma marca de que perder o sentido da vida se tornaria um argumento para a escolha pela morte voluntária. A imagem de si do suicida parece ser, nesses limites, de um indivíduo seguro de si e de seus atos, não disposto a voltar atrás em suas decisões e pronto a afirmar-se o único responsável por sua conduta (*phronesis*). Unidos a essa argumentação, aparecem quase sempre alguns pedidos, que em T2 são marcados por não buscar os motivos e avisar a alguém próximo em “[4] [...] Não procure saber o motivo [...]” e “[5] [...] Só peço comunicação este facto ao meu irmão Juvenal de Almeida, em São Paulo, Rua das Palmeiras nº 6 [...]”, inclusive trazendo o endereço como forma de minimizar algum tipo de trabalho, mais uma característica desse *ethos*, a de consciente, além de culto e com escrita bem delineada pela grafia e utilização da norma culta, como no fechamento em “[6] [...] Grato por este obséquio, subscrevo-me [...]”.

No esquema argumentativo para T2, apresentado na Figura 6, a tese anterior ficaria por conta de qualquer suspeita que pudesse levar a não ser um caso de suicídio. Na nova tese, destacam-se a autoafirmação sobre o suicídio – “[...] declaro-lhe que sou eu o único responsável por tal acontecimento [...]”, os dados que confirmariam e sustentariam essa afirmação que ficariam por conta de querer evitar trabalhos e não querer que fossem investigados os motivos, e o próprio endereço do irmão. Isso funciona como pontos de apoio de não ter sido qualquer outro crime, mas a livre escolha pelo suicídio. A restrição recai sobre a confissão do suicídio, conforme Figura 6.

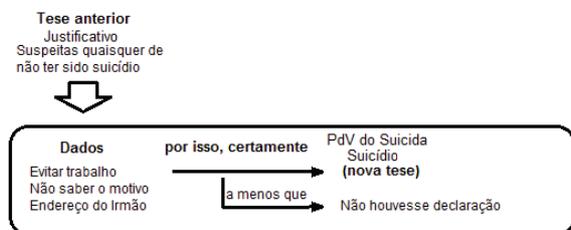


Figura 6. Esquema argumentativo T2.

O anonimato na assinatura

T3 9ª pretoria T7 863 – 1908 – Tentativa de Suicídio – Sujeito e ações desconhecidos por condições de conservação do inquérito. Destaque para o tipo de papel utilizado para a escritura do documento, uma folha de papel branco, sem linhas, tipo bloco de notas.

[1]Sou eu que me mato, não tenho amigos nem sou conhecido. [2]portanto es eu quem estabelece a minha identidade.

[3]O suicida

Para T3, assim como em T1, não trazer um nome próprio e identificar-se como ‘o suicida’ parece ser o ponto mais marcante do texto. Em T3, a questão de identidade vem ligada à confissão do ato suicida e ao fato de autoafirmar-se suicida, no fechamento do bilhete. A imagem de *ethos* segue pela objetividade e no sentido de mostrar-se ciente de suas intenções.

No que se refere aos atos ilocucionários, em T3 está presente uma força assertiva/constativa, demarcando uma confissão e/ou declaração da morte voluntária. Em [2], uma conclusão de não ter amigo e nem ser conhecido (remetendo à solidão). Essa indicação lhe dá a prerrogativa para se autoidentificar como gostaria, no caso, como suicida. Trata-se de um acordo com o real, em que, ao deixar a confissão do ato suicida, o enunciador expõe o ato como um fato ou forma de verdade, além de gerar autoridade (técnica argumentativa). Esse enunciador pré-argumenta em razão de sua ação como já concretizada, apenas a ser creditada como verdade por seu possível coenunciador, não indicado, mas possivelmente a polícia ou quem encontrasse o corpo.

Observa-se que a fonte de interlocução, nesse caso e em T2, parece indicar toda uma previsão dos acontecimentos pós-suicídio, como ser encontrado, haver investigação criminal, a busca pela motivação do suicídio. Ao destacar e mostrar-se alheio a vínculos de relação social, esse eu discursivo busca anonimato e afasta a possibilidade de um interlocutor particular ([1] “[...] não tenho amigos e nem sou conhecido”). Esse comportamento

direciona uma imagem de si ligada à solidão. Não ter amigos e não ser conhecido implicaria destacar-se do tipo social prototípico, ou seja, das pessoas que têm amigos e alguém com quem se preocupar ou que se preocupe e necessite de uma explicação. Uma imagem de solidão, alguém sem família, ou amigos, ou mesmo conhecido, que prefere identificar-se apenas como suicida, mas que articula certa sensatez (*phronesis*).

A argumentação por uma única microunidade de sentido

T4 11ª Pretoria T8 2721 – 1908 – Suicídio. O bilhete foi escrito por Francisco Tavares de Oliveira, encontrado morto por enforcamento na mata da Tijuca, Rio de Janeiro. O bilhete estava em seu bolso. As informações do inquérito não revelam as causas para a opção pela morte voluntária, apesar do empenho percebido entre os investigadores, contanto inclusive com foto da vítima para descrição nos autos.

Transcrição de T4

[1] Assim que nos meus bolsos nada contém, para que não haja duvida de algum roubo.

Mostrar-se indiferente a uma fonte de interlocução, ou com a própria identificação, é um dos destaques composicionais de T4. O documento aproxima-se estruturalmente do bilhete, contudo sem qualquer marca de abertura ou fechamento. É importante destacar como característica para esse tipo de construção que sem a reconstrução do contexto de produção pré-existente, ou pré-definido a esta situação sociodiscursiva de produção (tratar-se de uma composição de suicida), uma possibilidade de atribuir significado a essa proposição-enunciado se perderia na identificação do cotexto anterior ou posterior e o documento mais pareceria um recorte de um texto maior.

Nesses limites, T4 apresenta-se somente com o corpo da argumentação em uma única microunidade de sentido, que se move por uma força ilocucionária assertiva/constativa, declaração de não estar em posse de nenhum pertence, como forma de destacar a associação entre a morte e o roubo. Em outras palavras, nesse documento, as intenções do discurso parecem direcionar-se unicamente a esclarecer, a partir do descobrimento do corpo, que se trata de um caso de suicídio.

Ainda estruturalmente, seguindo as disposições de Adam (2008) para as microunidades de sentido, T4 é desenvolvido em uma única microunidade sintática (enunciado verbal). E, em função desse aspecto, as informações que possam estabelecer ligações co(n)textuais apresentaram-se unicamente em torno do suicídio, ou nos depoimentos do inquérito.

Dessa forma, um contexto padrão para o suicídio revelaria, como possíveis interlocutores, familiares e a polícia, principal envolvida no momento pós-suicídio e na possível suspeita de roubo seguido de assassinato, a qual é prevista pelo suicida.

Assim como vem sendo enfatizado para as composições apresentadas neste artigo, um destaque para T4 gira também em torno das intenções expressas para a escritura do documento e não para a motivação do suicídio. O enunciador mostra-se ciente e intenta enfatizar o suicídio em detrimento do que poderia ser imaginado como roubo e assassinato. Esse direcionamento ocorre em função da apresentação de dois fatos (acordo com o real): nada haver nos bolsos e não ser um caso de roubo (dados da proposição argumentativa), que retirariam as suspeitas de latrocínio (tese anterior), por parte do delegado ou qualquer outro interessado. Essa orientação abriria caminho para a nova tese: ser um caso de suicídio. Por outro lado, a ausência de mais dados de contexto acaba por enfraquecer a manutenção de dominância sequencial argumentativa nesse tipo de texto em particular. Apesar de se poder imaginar um regime de sequencialidade argumentativa, verifica-se uma análise em regime de argumentação muito mais pragmática e configuracional. Essas características indicam, nesse caso em particular, uma sequencialidade mais ligada à explicação do que propriamente uma argumentação. Algo, talvez, a ser mais bem delineado em trabalhos futuros.

Em T4, a imagem de si liga-se, assim como nos documentos anteriormente analisados, à objetividade, à certeza dos atos (*phronesis*), bem como a não identificar-se, a ficar anônimo, ou não identificar familiares e direcionar-se a algum interlocutor específico. Um esquema argumentativo para esse tipo de discurso poderia ser traçado nos seguintes limites:

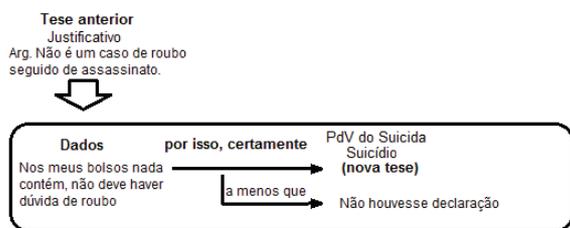


Figura 7. Esquema argumentativo de T4.

Considerações finais e dados gerais sobre a argumentação em causas não declaradas

Pelas delimitações acima, a maioria dos documentos articula-se como casos particulares de documentos produzidos por suicidas, em que a

leitura só é possível graças ao contexto que envolve suas produções como um todo. O bilhete, como microunidade de sentido, revela estar atrelado à sua materialidade discursiva, local e tempo de realização. Afastado desses elementos, muito do que se poderia afirmar acaba perdido, longe demais de uma possível esquematização discursiva precisa como resultado.

Esse aspecto pôde ser visualizado em T1, em que a expansão da leitura só foi possível com ajuda dos depoimentos do inquerito e trouxe em relevo a possibilidade de traçar um sentido mais claro ao que foi delimitado como um *topos* junto à proposição em menção do que poderia ser admitido como o favor. Configura-se uma circunstância única, particular, que remete à situação sociodiscursiva de produção e ao efeito pretendido na escritura do documento (manifestar gratidão à amiga Theresa), possivelmente pelo contato mediado anteriormente por ela entre o suicida e Darita. Tem-se, assim, uma asserção argumentativa guiada no sentido de ser puramente afirmativa e demonstrar gratidão. Ao dispensar o fechamento com sua assinatura e não assinalar a motivação do suicídio, o enunciador deixa uma lacuna que não pode ser preenchida a não ser pela total reconstrução do contexto de produção.

Uma imagem de si, solitária, anônima ou que busca o anonimato, seja em sua identidade, seja pela definição dos motivos para o suicídio, caracteriza um tipo de discurso bem próprio a essa classe de produções, transfigurando-se como técnica argumentativa na categoria da pessoa e seus atos. Esse eu suicida não precisa dizer quem é, não precisa provar nada, apenas concretizar-se por meio de suas ações (*phronesis*). Como se quisesse dizer: sou suicida, não tenho nada a declarar, apenas deixe-me com minha escolha.

Esses sujeitos constroem sua pessoa com uma característica que os particulariza, o suicídio. Retomando a ideia central discutida por Agrest (2010) de que cada cultura apresenta uma crença junto ao sentido atribuído à vida, esse tipo de suicida em particular é definido em nossa cultura como aquele que perdeu a fé (traços de religião), mas que mostra não se importar, ou não prever ou não traçar em seu discurso algum tipo de condenação que possa decorrer de suas ações. Por isso, não se prende a discutir ou tomar o PdV de seu possível coenunciador como ponto de partida de sua argumentação. Ele não encena nenhuma trajetória moral que viabilize algum tipo de perdão, vale-se apenas da autoridade de suas ações, não precisa se utilizar de nenhum outro ponto de vista, apenas do seu próprio. Segundo as técnicas de Perelman e Tyteca (1996), trata-se de uma ruptura do ato sobre o agente, o ato é considerado uma

verdade ou é a expressão de um fato, assim incontestável (ligações de coexistência, argumentos baseados na estrutura do real).

Esse tipo de suicida seria aquele que não sente necessidade de argumentar contra um ponto de vista específico. Sua intenção é justamente deixar em aberto, ou suscitar a dúvida, sobre o que o motivou à morte voluntária e faz isso mostrando que é responsável por sua própria morte, não culpando ninguém, ou gerando dúvida de assassinato. Sua palavra é posta como incontestável.

Em suma, diferentemente dos casos apresentados nas análises do estudo, para as composições sem causas declaradas para o suicídio, é menos enfática a motivação para o suicídio e mais aparentes as intenções para a escritura da carta. Graças à reconstrução do contexto de produção, visualizaram-se outras instâncias interpretativas necessárias e constitutivas para essas produções de suicidas.

Referências

- ADAM, J. M. **Les textes**: types e prototypes, récit, description, argumentation, explication, et dialogue. Paris: Nathan, 1997.
- ADAM, J. M. Imagens de si e esquematização do orador: Pétain e De Gaulle em junho de 1940. In: AMOSSY, R. (Ed.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 93-117.
- ADAM, J. M. **A Linguística Textual**: introdução à análise textual dos discursos. São Paulo: Cortez, 2008.
- ADAM, J. M.; BONHOMME, M. **L'argumentation publicitaire**. Paris: Armand Colin, 2010.
- ADAM, J. M.; HEIDMANN, U.; MAINGUENEAU, D. **Análises textuais e discursivas**: metodologias e aplicações. São Paulo: Cortez, 2010.
- AGREST, D. C. **Por mano propia**: estudio sobre las prácticas suicidas. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- BRETON, P. **A argumentação na comunicação**. Baurú: Edusc, 2003.
- MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, R. (Ed.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *ethos*. São Paulo: Editora Contexto, 2005. p. 69-92.
- MAINGUENEAU, D. **Cenas da enunciação**. Curitiba: Criar Edições, 2008.
- PERELMAN, C.; TYTECA, L. O. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Received on November 22, 2014.

Accepted on January 22, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.